



TENDÊNCIAS HISTÓRICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: da formação à atuação profissional

Ana Hortência de Azevedo Medeiros¹

Maria Alécia Michelle Ferreira de Lima²

RESUMO: O presente estudo objetiva compreender o processo sócio histórico e teórico metodológico do Serviço Social brasileiro desde a sua gênese até os dias atuais. A revisão de literatura se constituiu de consultas a sites e repositórios acadêmicos. As constatações do estudo desvelam que o Serviço Social surgiu com caráter benevolente e, após sua inserção junto as políticas sociais, passou a atender aos anseios da burguesia e do estado no controle da classe trabalhadora. Durante o movimento de renovação da profissão, a categoria repensa sobre os processos formativos e sua práxis profissional quando ocorre a aproximação com a teoria social marxista.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Tendências Históricas; Matrizes Teórico-metodológicas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discorrer acerca do processo sócio histórico e teórico metodológico do Serviço Social brasileiro desde a sua gênese até os dias atuais. Trazer ao debate acadêmico os avanços e retrocessos vividos pela categoria profissional, tanto no âmbito da formação acadêmica, quanto na intervenção profissional, levando em consideração as distorções e revisões as quais perpassam o seio da profissão não se constitui tarefa fácil.

¹ Assistente Social. Discente do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual da Paraíba. PPGSSS/UEPB. E-mail: anahortenciaazevedo@gmail.com

² Assistente Social. Discente do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual da Paraíba. PPGSSS/UEPB. E-mail: maria.michelle@aluno.uepb.edu.br

As análises produzidas neste artigo são frutos de reflexões da disciplina de Fundamentos Sócio Históricas do Serviço Social ofertada em 2021 pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba.

A revisão bibliográfica foi pautada nas mais diversas fontes de conhecimentos existentes: artigos acadêmicos, revistas especializadas, livros, e-books, monografias, dissertações e teses. Também, foram consultados sites e repositórios acadêmicos. Através desta pesquisa conseguimos aprofundar nosso entendimento acerca dos temas, conceitos e categorias que nos permitiram as sucessivas aproximações teóricas com o nosso objeto de estudo.

A importância do conteúdo reside na necessidade de aquisição de saberes acerca do processo sócio histórico vivenciado pela profissão e seus reatamentos na formação e atuação do assistente social.

2 MATRIZES TEÓRICO-METODOLÓGICAS X FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

Para compreender o surgimento, a profissionalização e a formação do Serviço Social brasileiro, é necessário conhecer o processo social e histórico do país e os seus reatamentos na atuação dos assistentes sociais. Convém entender, sobretudo, que o Serviço Social nasceu no âmbito da contradição capital/trabalho, provocado pela necessidade do Estado e da burguesia industrial em criar mecanismos de apaziguamento para coibir a luta de classes. Consoante Cardoso (2016, p. 6): “sua institucionalização é uma consequência da legitimação realizada pelas classes dominantes e impulsionada pela Igreja”.

Destarte, desde sua gênese, diferentes projetos político-pedagógicos construíram a história desta profissão. Atualmente, o projeto de formação profissional dos assistentes sociais ganhou novos sentidos e objetivos, a propósito, contrários as ideias iniciais.

Verifica-se que o surgimento do Serviço Social se deu no seio da Igreja Católica, por volta dos anos de 1920 e 1930. Foi nesse momento que a profissão começa a absorver as primeiras tendências do humanismo cristão alicerçado na Doutrina Social do catolicismo. De acordo com Silva (1995, p. 40): “esse modelo limitou-se, portanto, a uma formação essencialmente pessoal e moral, sendo, nesse período, o Serviço Social assumido como uma vocação, e a formação moral e doutrinária, enquanto cerne da formação profissional”.

Habitualmente o “trato” das questões sociais, realizados naquela época, eram conduzidos pelas damas de caridade, com cunho filantrópico e de ajustamento moral e religioso, uma vez que a influência do cristianismo era o bebedouro elementar para o fazer profissional (IAMAMOTO E CARVALHO, 2011).

Nesse cenário, a formação profissional do Serviço Social esteve ligada ao conservadorismo da Igreja Católica, posto que a primeira Escola de Serviço Social, inaugurada em 15 de fevereiro de 1936, era engatada nos braços da ideologia cristã da época (CARDOSO, 2016). Sobre esta assertiva, reiteram Iamamoto e Carvalho (2011, p. 226):

Seu surgimento se dá no seio do *bloco católico*, que manterá por um período relativamente longo um quase monopólio dos agentes sociais especializados, tanto a partir de sua própria base social, como de uma doutrina e ideologia. O Serviço Social não só se origina do interior do bloco católico, como se desenvolve no momento em que a Igreja se mobiliza para a recuperação e defesa de seus interesses e privilégios corporativos, e para a reafirmação de sua influência normativa na sociedade.

Parafraseando os autores, Batista e Coelho (2015, p. 2), nos questionamos: “[...] até que ponto a religião ainda influencia o Serviço Social, ou seja, o processo de formação e exercício profissional dos assistentes sociais no Brasil?”

Alguns pesquisadores da área afirmam que, a despeito dos princípios religiosos terem sido fundantes da profissão, não é aceitável sua utilização hoje em dia, haja vista as exigências atuais da formação acadêmica de Serviço Social, que levam em conta as dimensões ético-política, técnico-operativa e teórico-metodológica. O desafio que se coloca é, ainda, romper com esse tradicionalismo e conservadorismo profissional.

Por volta de 1940 e 1950, o Serviço Social se aproximou da corrente teórica positivista. Segundo Yazbek (2009, p. 5.), esse momento é “[...] caracterizado pela junção do discurso humanista cristão com o suporte técnico-científico de inspiração na teoria social positivista”. Nesse ínterim, a categoria profissional busca a compreensão dos problemas sociais a partir de desajustes e problemas emocionais e/ou biológicos. Assim, o processo formativo desse período é marcado pelo ensino de disciplinas como psiquiatria, psicologia, anatomia, higiene, higiene pré-natal, puericultura, obstetrícia, moral, religião e psicologia (CARDOSO, 2013).

Pode-se dizer que esse cenário contribuiu definitivamente para um fazer profissional conservador que culpabilizava o indivíduo pela situação de vulnerabilidade social que se encontrava, sem questionar o modo de produção econômico vigente, a exploração e a alienação do trabalhador, assim como o verdadeiro cerne da questão social³. Infelizmente, esse viés conservador ainda persiste no interior da profissão atualmente, principalmente através de discursos contrários ao Projeto Ético Político do Serviço Social, bem como por meio de formações acadêmicas deficitárias arraigadas nesse repertório, apoiando-se, em especial, na âncora da pós-modernidade.

O usuário, de hoje, era “cliente” nesses tempos de influência positivista, as famílias eram convidadas a se adequarem ao sistema, as intervenções eram por meio de correções

³ Conjunto de problemas econômicos, sociais, políticos, culturais e ideológicos que cerca a emergência da classe operária como sujeito sócio-político no marco da sociedade burguesa. (NETTO, 1989, P.89)

familiares, seus primeiros princípios eram conservadores, logo todas essas características, acabam por tendenciar nocivamente, a construção de uma formação libertadora e revolucionária (YAZBEK, 2009).

Dessa forma, a subsunção da matriz teórica positivista no Serviço Social possibilitou a categoria o estabelecimento de técnicas e condutas. Estas, por sua vez, caracterizadas por meio do enquadramento das famílias às condições para a manutenção do sistema capitalista. Dito isto, essa matriz verifica apenas o palpável, com a finalidade de correção, culpabilização e ajuda psicossocial. Para Gondim et al. (2018, p. 9):

A intervenção do/da assistente social se pautava pelo ajuste dos sujeitos para conservar a ordem, do entendimento da questão social enquanto algo natural — o sujeito pobre deveria se conformar com a sua condição, pois está no sujeito o problema da pobreza e o potencial de saída dessa condição.

Nos anos de 1960 e 1970, o Serviço Social inquieto com as transformações sociais e políticas em que o país estava padecendo, em razão do avanço do capitalismo, se vê obrigado a dá outras respostas, dessa vez, a camada mais subalterna da sociedade. Inicia-se, então, o movimento de reconceituação que, por sua vez, abrangeu toda a América latina, todavia de formas diferentes em cada país. Batista e Coelho (2015, p. 3) afirmam que esse movimento possibilitou:

a proposição de reflexões críticas aos assistentes sociais acerca da necessidade de ruptura com o caráter conservador que deu origem à profissão, e requisitando da ação profissional a necessidade de construção de uma nova proposta de atuação tendo em vista as demandas e os interesses das classes populares, tendo como fundamento um pensamento/posicionamento laico.

Constata-se que o movimento de reconceituação do Serviço Social no país viveu três fases, assim denominadas: Perspectiva Modernizadora, Reatualização do Conservadorismo e Intenção de Ruptura. Como não é objetivo deste trabalho, além da falta de espaço para destrincharmos cada item, abordaremos esse movimento enquanto um importante instrumento de consolidação da matriz teórica marxista, que será visto mais adiante.

A segunda matriz teórica da qual o Serviço Social se aproximou foi a fenomenológica. Nela os sujeitos continuam sendo “convidados” a se adequarem ao sistema capitalista. Desse modo, a preservação da ordem vigente continuava e o modo de produção capitalista continuava sua expansão e acumulação no país. Segundo Netto (2011), esta perspectiva se manifesta no interior da profissão, de forma a ponderar a dialética de ruptura e de continuidade com o passado profissional. Esta perspectiva, de caráter psicologizante, propõe o desenvolvimento da consciência reflexiva dos sujeitos, a partir do diálogo e conscientização.

Convém assinalar, porém, que a referida perspectiva não consegue romper com as bases ideoculturais presentes no bojo da profissão, lhes restando uma formação e atuação

que tem como premissa o humanismo cristão abstrato. Destaca-se que o Serviço Social age com esse pensamento até a década de 1980.

Do ponto de vista da formação acadêmico-profissional, nota-se que os três currículos (1953, 1964 e 1970) não rompem com a perspectiva conservadora e tradicional presente nos dez primeiros da Escola de Serviço Social de São Paulo (CARDOSO, 2016).

Frente a conjuntura dos anos 1980, com o final da ditadura militar e o substancial aumento dos movimentos sociais em prol da democracia ocorre no interior da profissão “a tomada da direção intelectual e política em busca da ruptura com o conservadorismo” (CARDOSO, 2016, p. 15). Consequência do Movimento de Reconceituação do Serviço Social brasileiro, a chamada “Intenção de ruptura” aproxima a profissão à teoria social marxista, sinalizando um possível rompimento com o viés conservador e tradicional presente na atuação dos assistentes sociais desde seu surgimento. Essa fase foi de extrema importância para a profissão, tendo em vista que ocorreu a elaboração de um plano de rompimento com as derivações excludentes, individualistas, manipuladoras e exploradoras do modo de produção capitalista, de modo a libertar os sujeitos de todas as ideologias postas a esse sistema hegemônico.

A despeito disto, como o próprio nome já indica, o que temos é uma intenção, ou melhor, um propósito de rompimento com o conservadorismo profissional. Deve-se salientar que, embora tenha ocorrido muitos avanços nesse período, que se materializou em “uma nova identidade profissional com ações voltadas às demandas da classe trabalhadora cujo eixo de sua preocupação da situação particular para a relação geral - particular, e passa a ter uma visão política da interação e da intervenção”, ainda há resquícios do conservadorismo e tradicionalismo, tanto na formação quanto na atuação profissional dos assistentes sociais (SILVA, 2017, P. 6).

Relativamente ao processo formativo, as entidades da categoria, incluindo a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS, provoca um processo de discussão sobre a necessidade de revisão curricular o que culmina em um novo currículo acadêmico, aprovado em 1982. Este currículo sinaliza a hegemonia da perspectiva teórica marxista, que se mantém até hoje, materializado através do projeto ético-político profissional. As legislações posteriores corroboram com o entendimento acerca da hegemonia do marxismo como base teórico metodológica do Serviço Social. Merece ser mencionado que considerando o currículo de 1982 e as diretrizes curriculares de 1996, concluímos um avanço na formação em Serviço Social rumo a uma perspectiva crítica e emancipatória.

Nesse contexto, observamos que as ideologias também são expressas na formação e refletimos que uma má formação incide diretamente nos princípios que compõem as leis de regulamentação profissional, infelizmente vamos nos deparar com lacunas em nossa formação pois somos inseridos nesse sistema hegemônico nutrido de contradições, onde a

educação ligada ao neoliberalismo é elitizada e acaba fragilizando o processo de formação dos profissionais.

Pode-se inferir que entre as décadas de 1920 e 1980, o Serviço Social absorveu matrizes teórico-metodológicas conservadoras e/ou emancipatórias materializadas nos diferentes projetos profissionais aqui mencionados. Contudo, a tradição marxista a partir dos anos 1980 se coloca como hegemônica. Tal hegemonia se expressa na formação acadêmico-profissional, bem como na atuação dos assistentes sociais.

3 TRADIÇÃO MARXISTA E SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

As ideias de Marx e Engels chegaram à América Latina ao final do século XIX, entretanto nos anos 1920 é que ganham relevância, especialmente, em virtude do aparecimento dos partidos comunistas. Mas, é nas décadas seguintes, que o marxismo se torna referência nos países latino-americanos, conforme nos indica Netto (2017, p. 260): “A consolidação do marxismo na cultura latino-americana se opera - e esse é um dos seus traços mais decisivo - quando o processo de stalinização iniciado no final dos anos 1920 na URSS triunfa e, na sequência, pela mediação da Terceira Internacional”.

Verifica-se que na década de 1960, o marxismo de raiz stalinista começa a ser superado. Pesquisadores afirmam que isto ocorreu em razão de uma aproximação da teoria social de Marx com as ciências sociais, provocada principalmente pelo surgimento da universidade latino-americana.

Segundo Netto (2017), esta aproximação aconteceu de forma equivocada, já que as ciências sociais, eminentemente de raiz conservadora, absorveram a teoria social marxista de forma diluída, fragmentando o pensamento marxiano. Contudo, esta interlocução, ainda que problemática, possibilitou ao Serviço Social uma articulação com a tradição marxista.

Deve-se salientar que o Serviço Social latino-americano nos anos 1960 se aproximou com a teoria de Marx por razões diversas, dentre as quais se encontram: a crise do Serviço Social tradicional, a pressão exercida pelos movimentos sociais e o movimento estudantil. Porém, o que houve foi uma apropriação ideológica do marxismo durante a terceira fase do Movimento de Reconceituação.

A produção teórica do Serviço Social aponta três aspectos que precisam ser considerados e que singularizam a aproximação de setores profissionais ao pensamento marxiano, são eles: a) exigências teóricas conduzidas, a priori, por demandas de natureza ideopolítica e instrumental; b) a concepção marxista relacionada, apenas, as determinações prático-políticas e organizacional-partidárias e; c) equívocos desencadeados pela apropriação da teoria social, sem levar em conta às fontes marxianas e/ou aos ‘clássicos’ da tradição marxista. Silva (2019, p. 4) reitera que:

o que ocorreu foi uma “aproximação enviesada” de setores do Serviço Social à tradição marxista, sob orientações oriundas de restrições políticas, do ecletismo teórico e do desconhecimento das fontes “clássicas”. Certamente, isso não invalida os aspectos “positivos e progressista” contida nesta aproximação ainda que no limite tenha resultado em um acervo de núcleos temáticos do que na incorporação, por parte do Serviço Social, de componentes teórico-metodológicos e crítico-analíticos.

Há quem diga que a aproximação do Serviço Social com a tradição marxista inicialmente, a despeito dos equívocos acontecidos, trouxe avanços e perspectivas ao fazer profissional do assistente social, de forma que estabeleceu na contemporaneidade uma base sólida para recolocar a teoria social de Marx como centro de debate no seio do Serviço Social e hegemônica⁴ frente ao projeto ético político profissional.

A interlocução do Serviço Social com o marxismo na contemporaneidade se justifica pela existência de um contexto histórico e social que denota: a) a condição de assalariamento dos assistentes sociais e sua inserção na divisão sociotécnica do trabalho; b) aproximação da categoria com as demandas da classe trabalhadora; c) a alienação do trabalhador causado pela exploração imposta pelo modo de produção capitalista e; d) o processo de revolução e a análise crítica da sociedade burguesa (NETTO, 2017).

A partir da contemporaneidade, portanto, delimita-se que a atuação dos assistentes sociais não está dissociada da realidade social, ao contrário, é “só a partir da leitura crítica dessa realidade (como espaço de contradição e conflitos) que o profissional terá condições de desenvolver qualquer metodologia, o que envolve a relação entre refletir/agir/refletir” (CARDOSO, 2016, P. 445).

Quanto ao processo de formação acadêmica, a partir dos anos 1990, foram aprovadas novas diretrizes curriculares que, por sua vez, apresentam continuidades e rupturas com o currículo de 1982, fruto de diálogos com participação das entidades da categoria, assim como dos profissionais. Fica perceptível que, a partir de agora, o processo formativo leva em consideração a totalidade e a necessária articulação entre as formas de ensino-aprendizagem, assim como reconhece a existência de diferentes capacidades e potencialidades do corpo discente e docente.

Isto posto, a lógica da formação e estruturação do currículo atual de Serviço Social parte do pressuposto de que a práxis deve promover a mediação entre teoria/prática/ética no âmbito da construção do saber, tendo como premissa a teoria social marxista e sua apreensão enquanto método.

⁴ Gramsci chamará de hegemonia “a disputa de diferentes compreensões quanto à maneira de pensar e atuar sobre a realidade, que se desdobra na supremacia de uma dessas maneiras sobre as outras. Tal hegemonia se expressa e, ao mesmo tempo, constitui-se a partir da formação acadêmico-profissional — espaço de disputa entre tais projetos através dos projetos político-pedagógicos revelados nos currículos mínimos/diretrizes curriculares na trajetória do Serviço Social” (CARDOSO, 2016, 434).

4 CONCLUSÕES

Partindo para nossas reflexões finais, o presente artigo buscou refletir sobre o processo sócio histórico e teórico metodológico do Serviço Social brasileiro e suas devidas aproximações com as matrizes teóricas que envolveram a categoria.

Levamos em consideração todos os avanços e retrocessos que a intervenção profissional e a formação acadêmica sobrelevaram com as matrizes referenciadas no corpo do texto e com as mudanças sociais, políticas e econômicas em que o país estava passando, muito devido a expansão do modo de produção capitalista.

Podemos afirmar que todas as transformações vividas pela categoria profissional foram reflexos de suas principais tendências e influências de cada época. Características como, filantropia, caridade e ajustamento foram marcas explícitas no seu nascedouro, sua gênese lhe concedeu o humanismo cristão e conservadorismo e que, hoje em dia, ainda temos resquícios presentes na profissão, contudo nas últimas décadas adotamos uma conduta de luta constante para o rompimento de tais particularidades.

Sobretudo, queremos evidenciar uma categoria profissional maturada através do seu processo de renovação, uma categoria que luta alicerçado na sua matriz teórica que se faz presente desde a última fase do movimento de reconceituação. O Serviço Social brasileiro se constitui hoje em uma categoria profissional alinhada desde o seu fazer profissional até sua formação profissional, uma categoria de luta e defesa dos interesses da classe trabalhadora, que busca o rompimento cotidianamente, com os atributos vindos de sua gênese.

5 REFERÊNCIAS

BATISTA, Déborah Barrêto; COELHO, Maria Ivonete Soares. O DEBATE DA RELIGIÃO NO SERVIÇO SOCIAL: fundamentos e exercício profissional. In: VII Jornada Internacional Políticas Públicas. 2015.

CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. 80 anos de formação em Serviço Social: uma trajetória de ruptura com o conservadorismo. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 127, p. 430-455, set./dez. 2016.

_____. Ética e projetos profissionais: os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil. Campinas: Papel Social, 2013.

GONDIM, Jorge Vinícios Silva; BEZERRA, Josinete de Carvalho; COSTA, Rafaela Ribeiro Saraiva da. Positivismo, fenomenologia e serviço social: crítica às expressões contemporâneas do conservadorismo. In: *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*. v. 16 n. 1, 2018.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. – 34. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. O Serviço Social e a tradição marxista. In: Revista Serviço Social e Sociedade. Ano X. Abril:1989.

NETTO, J. P. Ensaio de um marxista sem repouso. Seleção, organização e apresentação Marcelo Braz. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, M. O. S. (Org.). O Serviço Social e o popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Claudemir Osmar da. TRADIÇÃO MARXISTA E SERVIÇO SOCIAL: interlocução e legado histórico. III Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis – 13 e 14 de novembro de 2019.

YAZBEK, M. C. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: CFESS. ABEPSS. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://cressrn.org.br/files/arquivos/ZxJ9du2bNS66joo4oU0y.pdf> Acesso em: 02 out.